

fazer história contemporânea

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 11 • 2011

Biografia, processo e contexto
uma reavistação de Egas Moniz

Manuel Correia

Manuel Correia, Doutor em História da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador do CEIS20. E-mail: mccorreia@sapo.pt

1. Introdução

O género biográfico, apesar da maldição teórica e metodológica sobre ele lançada pela vulgata dos *Annales*, da *longue durée*, das abordagens que privilegiam as estruturas em detrimento do indivíduo, suscitou dicotomias forçadas¹. A biografia, enquadrada por uma historiografia crítica, interdisciplinar e inclusiva, permanece uma fonte de informação e uma metodologia complementar. Mesmo nos casos assaz numerosos em que a biografia se confunde com o elogio exagerado dos *grandes homens* ou com o registo hagiográfico em que a santidade é servida aos penitentes para ilustração e redenção terrena. Os elementos revelados, ainda assim, constituem informação útil, trazendo à luz do dia aspectos com interesse e ângulos de abordagem reveladores do tipo de relações encorajado pelo *establishment* da época.

Com o advento da ciência moderna, vimos somarem-se ao conjunto de histórias individuais exemplares, sínteses de trajectos dos homens de ciência ou, tal como se vulgarizaram, *biografias científicas*². Científicas, porque acerca de cientistas, mas, também, porque confeccionadas de acordo com os protocolos, alegadamente rigorosos de respeito pela documentação, que era suposto delimitar o âmbito da interpretação das matérias em apreço. E apesar do agigantamento das personagens escolhidas em detrimento dos não biografados, como refere Kragh,³ e aconteceu tão desconcertantemente com Moniz

¹ Apesar da verosimilhança do que François Dosse afirma – “Contenue dans une extériorité vis à vis de la pratique historique, la biographie a même connu aux XIX^{ème} et XX^{ème} siècle une longue éclipse”, – DOSSE, François – “Le retour de la biographie après une longue éclipse”. In CAPPOLANI, d’Antoine; ROUSSEAU, Frédéric – *La biographie en Histoire. Jeux et enjeux d’écriture*. Paris: Michel Houdiard Editeur, 2007. ISBN 2-912673-79-8. p. 17, juntemos-lhe, para evitar os perigos de simplificação que as generalizações implicam, esta reflexão de Robert Belot: “(...) l’approche biographique (telle que nous l’entendons aujourd’hui) obéit toujours au désir d’inscrire une histoire particulière dans l’Histoire, et vice versa. Pourtant, son maître, Lucien Febvre, n’était pas hostile à l’approche biographique. Il pensait même que c’est par elle que l’on peut tenter de mieux cerner l’”affreusement compliqué de ce qui touche à l’homme, à ses rêves, à ses idées, à ses passions”. Et d’ajouter: “Mais c’est le vivant qui nous intéresse. C’est la vie dans sa complexité. La vie organique aussi bien que la vie psychologique”. C’est par l’intimité, et donc la singularité, que l’on peut accéder à cette complexité qui est au cœur du travail de l’historien.” BELOT, Robert – “La biographie entre mémoire et histoire, affect et concept”. In *Ob. Cit.*, p. 58.

² Ver, entre outros o caso de César Benjamin – BENJAMIM, César (Ed.) – *Dicionário de Biografias Científicas*. 2007. 3 Vol., 2696 p. ISBN 978-85-85910-92-1, e as considerações que sobre ele fez Felipe Costa nos Cadernos de Saúde Pública COSTA, Felipe A. P. L. – “Dicionário de biografias científicas”. *Cadernos de Saúde Pública*. 2009. Vol. 25, N.º 3. ISSN 0102-311X. p. 704-705. Ver também o caso da “Biografia Científica” do Abade Correia da Serra: SIMÕES, Ana; DIOGO, Maria Paula; CARNEIRO, Ana – *Cidadão do Mundo. Uma biografia do Abade Correia da Serra*. Porto: Porto Editora, 2006. 185 p. ISBN 972-0-45087-8.

³ Salienta Kragh que “Since the scientific biography is built up around the activities of an individual it can easily veer towards giving a distorted picture of the development of science. Namely by, in the very nature of things, concentrating on the achievements of the scientist whose life story is being told, and thereby possibly glorifying these, while other scientists merely appear as a grey background.” KRAGH, Helge – *An introduction to the historiography of science*. 4th ed. New York: Cambridge University Press, 1994. 237 p. ISBN 0-521-38921-6. p. 168.

e boa parte dos ensaios biográficos acerca dele, houve sempre alguma informação útil que passou, a par dos exageros e das redundâncias.

O certo é que a biografia foi reabilitada enquanto género historiográfico e reconsiderada ao ponto de ser reputada indispensável em muitos casos e circunstâncias. Norbert Elias ilustrou-o com uma biografia de Mozart⁴, e Wright Mills com a sua ideia da necessária conexão da história e da biografia para podermos entender as estruturas sociais⁵.

O reacendimento do interesse pela biografia deve-se por certo a uma inquirição mais concreta das tessituras sociais e culturais e à indispensabilidade de olhar a sociedade e a cultura de acordo com as diferentes escalas (individual e colectiva) e temporizações (curta, média, longa) revelando as convergências e divergências entre indivíduos, instituições, grupos e elites.

De qualquer modo, continua a ser muito difícil, se não impossível, falar do indivíduo sem referência ao meio, ao tempo e às relações que manteve com outras pessoas e instituições. Se retirarmos à história individual a teia de relações em que se moveu, pouco ou nada resta.

2. As últimas duas décadas

Diferentemente do que se passou nos anais internacionais da neurologia, em que Egas Moniz ficou sobretudo associado à Angiografia Cerebral e à controvérsia em torno da psicocirurgia e, mais especificamente, à leucotomia préfrontal e da lobotomia, que lhe valeram o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia de 1949 (*ex aequo* com o neurofisiologista Walter Rudolf Hess⁶), em Portugal, a dimensão heróica do cientista emérito foi explorada pelo próprio para os fins atinentes à meticulosa construção da notoriedade, pelo Estado Novo, para mostrar a eficácia e o acerto da governação relativamente ao seu alegado apoio às actividades científicas, e pelas instituições, grupos e pessoas da esfera das neurociências, próximos, solidários ou leais ao homem e à sua memória.

No cumprimento das efemérides, antes de mais. Comemorações de datas: nascimento (1874), invenção da Angiografia Cerebral (1927), invenção da Leucotomia Pré-frontal (1935), descerramento do Prémio Nobel (1949) e morte (1955). De um modo geral, a celebração do herói sobrepôs-se quase sempre à discussão dos aspectos controversos da sua história de vida, dos seus desempenhos social e culturalmente mais relevantes, e das polémicas a propósito das suas invenções científicas.

⁴ ELIAS, Norbert – *Mozart. Sociologia de um génio*. 1ª ed. Lisboa: Edições ASA, 1993. 173 p. ISBN 972-41-1268-3.

⁵ MILLS, C. Wright – *The sociological imagination*. New York: Oxford University Press, 1999. 248 p. ISBN 978 0-19-513373-8. p. 31.

⁶ Walter Rudolf Hess (1881-1973) foi um neurofisiologista suíço, docente e investigador da Universidade de Zurique, que se distinguiu na investigação das funções automáticas do sistema nervoso central e da sua coordenação no diencefalo.

A iconização heróica expressou-se, desde o tempo de estudante, em Coimbra, onde foi presidente da Tuna Académica, até aos nossos dias, na toponímia, estatuária, numismática, filatelia⁷, nome de escolas, centros de investigação, cooperativas e, claro, novelas, peças de teatro e alguns filmes. Com a celebração do centenário do nascimento, e apesar da ocorrência ter coincidido com os anos turbulentos da revolução de 25 de Abril de 1974, a transição comemorativa foi assegurada, se bem que a atenção da maioria dos portugueses tivesse compreensivelmente polarizada pelas atribuições do *PREC*⁸.

Com raras exceções, o elogio do génio, o louvor do homem excepcional e o deleite face à suma competência científica dominavam os discursos celebrativos.

A bibliografia sobre Egas Moniz, produzida nas últimas duas décadas, apresenta características singulares. Para começar, regista valores marginais entre 1990 e 1998, e entre 2001 e 2010, acusando, em contrapartida, uma produção inusitada, com mais de metade dos textos publicados, nos anos de 1999 e 2000, sendo que este pico coincide com o calendário das comemorações, em 1999, do 50º aniversário da atribuição do Prémio Nobel. Muitas das publicações de 2000, dão acolhimento ainda a esse impulso comemorativo do ano anterior.

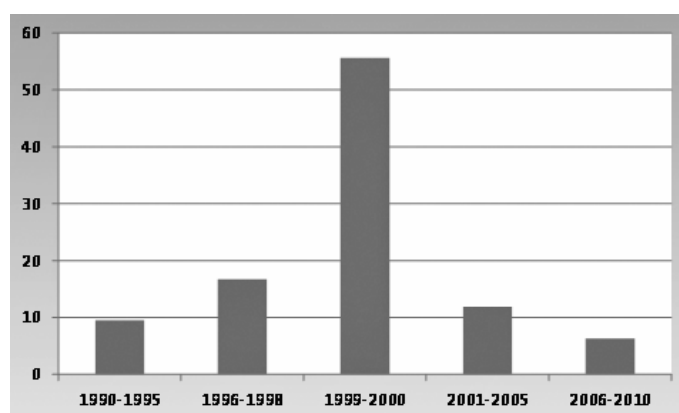


Gráfico 1 - Textos publicados entre 1990 e 2010 acerca de Egas Moniz
Distribuição das ocorrências em percentagem⁹.

⁷ Ver a este propósito PITA, João Rui – “Egas Moniz nos selos portugueses: o homem, o universitário e o cientista”. *Cabúla Filatélica*. 14 (1998) p. 24-27.

⁸ PREC: Acrónimo de Processo Revolucionário Em Curso, muito em uso nos idos de 1975.

⁹ Amostra bibliográfica dos textos mais significativos acerca de Egas Moniz, publicados nas últimas duas décadas (1990-2010). Obtivemos 126 ocorrências que se distribuem temporalmente de acordo com o gráfico. A amostra inclui 19 livros, 40 capítulos em livros, 35 artigos em revistas especializadas, 31 peças jornalísticas e 1 artigo online. Os idiomas são o Português (115), o Inglês (10) e o Francês (1). A lista bibliográfica completa está disponível no Blog Egas Moniz, em <http://egasmoniz.blogspot.com/2011/03/producao-bibliografica-acerca-de-egas.html>.

Confirma-se aparentemente a tese da frágil inscrição de Egas Moniz na cultura portuguesa. A intermitência das suas aparições mais significativas produz-se sob o comando dos dispositivos encenadores de efemérides, precedidas e sucedidas por eclipses duradouros.

Cerca de 40% dos textos constantes da amostra bibliográfica em questão, provêm de um conjunto de sete autores que, no período observado, mais publicou acerca da figura de Egas Moniz e das problemáticas com ele associadas.

António Macieira Coelho, António Valdemar, João Lobo Antunes, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, (quer em co-autoria, quer autonomamente), Pedro Luzes e Manuel Correia, são os nomes mais recorrentes. Com ponderações diversas, produziram quase metade dos textos incluídos na amostra.

Sem prejuízo da relevância que esta produção reveste na apreciação global do período em análise, saliente-se a importância que nas duas décadas em apreço, outros textos publicados detêm, independentemente da frequência com que os respectivos autores publicaram. E nesse caso, temos o exemplo de Jacques El Hai e da sua biografia de Walter Freeman¹⁰; Jack Pressman e a sua obra acerca da prática da psicocirurgia nos Estados Unidos da América¹¹; Jean-Noël Missa e a sua história da psiquiatria biológica¹²; aos quais se deveria juntar António Damásio, José Morgado Pereira, António Fernando Cascais, António Pedro Pita, e alguns outros que publicaram autonomamente ou assinaram capítulos do livro *Egas Moniz em livre exame*¹³, organizado por Ana Leonor Pereira e João Rui Pita.

Trata-se de contribuições cuja importância sobreleva a vasta produção verificada nestas duas décadas, quer pela riqueza da documentação inédita revelada, quer pela ressystematização e reinterpretção de alguns aspectos até aqui insuficientemente tratados.

Surgem, assim, nestas duas décadas, algumas das mais importantes contribuições para a compreensão do contexto político coincidente com boa parte do trajecto de Egas Moniz – sobretudo com a profusão de publicações acerca do centenário da I República (1910-1926) e do Estado Novo (1926-1974) – e do contexto científico e psiquiátrico – com abordagens mais sistemáticas e inclusivas relativamente ao lugar da psicocirurgia no conjunto das terapêuticas neuropsiquiátricas.

A mudança mais sensível ocorreu no plano cultural, revelando a importância predominante das relações da figura estudada com as instituições, as pessoas e as ideias do seu tempo, enriquecendo as abordagens centradas nas articulações entre indivíduo e contexto, em detrimento do culto tradicionalista e hagiográfico do sábio nobelizado.

¹⁰ EL-HAI, Jack - *The Lobotomist. A maverick mental genius and his tragic quest to rid the world of mental illness*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2005. X p. ISBN 978-0-470-09830-1.

¹¹ PRESSMAN, Jack D. – *Last resort. Psychosurgery and the Limits of Medicine*. New York: Cambridge University Press, 1998. 555 p. ISBN 0-521- 52459-8.

¹² MISSA, Jean-Noël – *Naissance de la psychiatrie biologique*. 1ère éd. Paris: PUF, 2006. 381 p. ISBN 2.13.05514.9.

¹³ PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva. 2000. 414 p. ISBN 972-8318-96-0.

3. Uma nova biografia de Egas Moniz

Uma das questões prévias que os autores referidos nem sempre abordam é a da Biografia como género historiográfico. Na mais recente biografia de Egas Moniz, João Lobo Antunes¹⁴, ciente da complexidade do género, sublinha, ao escolher o título para o volume, que se trata de *Egas Moniz. Uma Biografia*, (os sublinhados são nossos) fazendo correr em subtexto a recusa de outras opções possíveis (p. ex: *Egas Moniz. Biografia*, ou *Egas Moniz. A biografia*). Esta prevenção, ilustrada nalgumas passagens da obra, implica uma demarcação da factura positivista que emprestava à história um registo único, exaustivo e definitivo. E se bem que não discorra acerca das potencialidades e limites do género, o autor demarca-se, por exemplo, do modelo utilizado por Barahona Fernandes em 1983:

Com excepção do livro de Barahona Fernandes, que fala mais de psiquiatria e dele próprio que do biografado, pois está abundantemente impregnado das ideias do autor sobre as doenças mentais e a interpretação dos resultados da leucotomia, a vida de Egas foi apenas tratada numa fotobiografia, intitulada Retrato de Egas Moniz, da autoria de Ana Leonor Pereira, João Reis Pita¹⁵ e Rosa Maria Rodrigues, para a qual contribuí com um prefácio.

E, logo a seguir, toma as suas distâncias em relação a uma das obras que marcam estas duas décadas de estudos monizianos:

Há ainda, além de um número apreciável de contribuições dispersas, uma colectânea de artigos, aliás muito heterogéneos na qualidade e semeados de erros factuais, intitulada *Egas Moniz em livre exame*.¹⁶

O autor ressalva desta generalização disfórica, em nota de rodapé, Armando Malheiro da Silva, Rosa Maria Rodrigues e António Macieira Coelho. O primeiro pela valia do seu trabalho acerca de Egas Moniz na política; a segunda pela “afectuosa sensibilidade” e o terceiro, pelo “testemunho pessoal” tal como pelas achegas importantes que tem trazido, além da ajuda que lhe prestou na elaboração da biografia agora dada à estampa.

Com uma rápida referência a James Boswell (1740-1795) a ao cromatismo romântico da tradição biográfica inglesa, João Lobo Antunes remata com uma frase que condensa o assumido fascínio que alimenta relativamente ao biografado: “Egas Moniz *quis* tudo e quase sempre o conseguiu.”¹⁷

Esta poética da hiperbolização que domina o tratamento do actor histórico, salientando a perspicácia, o talento e a habilidade que Egas Moniz demonstrou em diversas ocasiões, não impede o biógrafo de ser também impiedoso e directo

¹⁴ ANTUNES, João Lobo – *Egas Moniz. Uma biografia...*, p. 21.

¹⁵ Trata-se de uma lamentável gralha: o nome do autor é João Rui Pita, (e não João Reis Pita ou José Rui Pita) tal como vem grafado noutras passagens do texto, designadamente na bibliografia seleccionada.

¹⁶ ANTUNES, João Lobo – *Egas Moniz...*, *ibidem*.

¹⁷ ANTUNES, João Lobo – *Egas Moniz...*, p. 23.

relativamente às facetas e episódios mais negativos que respiga ao longo do livro. Neste sentido, demarca-se do culto hagiográfico que dominou a toada celebrativa da literatura acerca de Moniz.

Recorrendo a múltiplos apontamentos e testemunhos, traça um retrato do biografado, nele incluindo os modos, a estatura, o número que calçava... enquadrando-o na sociedade da época, enaltece-lhe virtudes, aponta-lhe defeitos, salienta-lhe o narcisismo descomunal, o tacticismo meticuloso, o estilo de vida, a obra literária, mas, sobretudo, as suas duas invenções maiores, que deixaram dois sulcos indeléveis na história das ciências médicas: a Angiografia Cerebral e a Psicocirurgia.

Enquanto trata o homem com um enlevo pontuado, aqui e além, por um julgamento mais severo das suas fraquezas ou caprichos, já nos capítulos que destinou ao legado científico, à génese, desenvolvimento e aplicações da psicocirurgia, João Lobo Antunes muda de tom, enverga as vestes do polemista e endurece o verbo.

Que faria um qualquer biógrafo, que não fosse neurologista ou neurocirurgião, perante a complexidade que a psicocirurgia reveste na história da psiquiatria biológica? Recolheria a documentação, recensearia os tópicos a que as diferentes tendências deram maior ênfase, ciente de que há quase sempre, nas pequenas e nas grandes controvérsias, matéria com interesse nas diversas linhas de argumentação que se confrontam. Tentaria divisar os pontos fortes e as inconsistências mais em evidência, e poria, acima da sua opinião ou inclinação, o dever de divulgar o quadro de interações em que as terapêuticas em uso na primeira metade do século XX foram caindo, após ascensões rápidas e esperançosas: os abscessos de fixação, os banhos eternos, a malarioterapia, a convulsivoterapia (coma insulínico e cardiazol), cuja adopção foi sempre rodeada de polémicas inflamadas, que mantiveram todo o seu interesse até aos nossos dias.

Um qualquer biógrafo, não especialista na área das neurociências, tomaria as suas precauções e tentaria, tanto quanto possível, fornecer aos seus leitores, tudo o que aproximou prosélitos e afastou dissidentes, na esperança de que, com o rolar dos paradigmas, aquilo que na altura parecia ridículo, pudesse quiçá passar a revestir algum significado; que as especulações do tempo em que se acreditava que a neurogénese era um processo que se extinguia cedo no plano ontogenético pudessem ser reexaminadas à luz dos resultados das investigações divulgadas no final do século XX; e que o tempo em que se colocava o enfoque da dinâmica cerebral nos “fluxos eléctricos” e se consagrava pouca atenção às trocas químicas, aos neuromediadores e aos neurotransmissores, pudesse ser cotejado com os novos conhecimentos obtidos posteriormente. Em suma: desconfiaria do seu próprio julgamento e ouviria com atenção as teses pró e contra, alargando a audição, sempre que possível aos próprios pacientes, aos familiares e amigos, ao pessoal auxiliar, ciente de que esse conjunto heteróclito seria mais útil para uso e memória futura, do que uma qualquer abstracção parcial, guiada por convicções situadas, também importantes, sem dúvida, mas que tendem a dar a foto de um momento e a descurar os meandros do processo.

João Lobo Antunes, na sua biografia de Egas Moniz, fala do biografado com uma lucidez que não é afectada pelo juízo matizado, embora tendencialmente favorável que dele faz. Adianta documentação inédita e revela aspectos até agora desconhecidos da sua vida, mas quando se acerca da psicocirurgia, desloca-se para o que se poderia chamar a extensão discursiva, onde o biógrafo, a pretexto dos propósitos manifestos atinentes ao género literário, enceta uma disputa de carácter autobiográfico.

4. A biografia enquanto território de disputas

As biografias são um pretexto para actualizar a interpretação dada ao lugar imaginário que um habitante do presente ou do passado ocupa na escala dos objectos culturais da actualidade. Não desvalorizamos a importância que as histórias de vida e os trajectos sociais guardam para nos permitir conhecer melhor o mundo e nele nos orientarmos, mas a produção biográfica implica um posicionamento, um programa mais ou menos ambicioso que visa passar em revista a história de um indivíduo, e essa circunstância está pejada de numerosos nós que é necessário ir desfazendo, tomando decisões, seleccionando muito, construindo sínteses literariamente manuseáveis e, com certeza, legíveis.

Neste sentido, o lance biográfico, quer sob a forma de biografias com programas totalizantes, quer com aspirações mais comedidas (associadas a aspectos, problemáticas ou períodos), sem prejuízo do rigor nuclear quanto à sucessão dos biografemas mais consensuais, constitui-se sempre como território de disputa de sentido, e é nessa qualidade – na qualidade de objecto cultural – que circula, gera interesse, motivação de leitura e acrescenta conhecimento acerca dos biografados, dos biógrafos e dos respectivos contextos.

Acresce que, em muitos casos, a história de biógrafos, biografias e biografados suscita um interesse que se prolonga ao longo de séculos, mantendo, nesse acompanhamento das flutuações da recepção, um interesse histórico-social de primeiro plano¹⁸.

É assim que para os lances biográficos parcelares e temáticos – cujo tipo é o mais representado nestas duas últimas décadas analisadas – ou para os ensaios biográficos mais totalizantes – como é o caso do livro mais recente de João Lobo Antunes – o espaço discursivo delimita um território de disputa de sentido, em que os autores assumem o papel de biógrafos para, a pretexto da função, arrumarem a seu jeito as interpretações circulantes, posicionando-se em relação aos temas polémicos e prosseguindo os debates que lhes interessam.

Praticamente, ninguém vem a terreno sem alguns propósitos mais ou menos expressos e é precisamente desse entrecruzado feixe de estratégias díspares e contraditórias que emerge uma interessante e contrastada informação.

Ana Leonor Pereira e João Rui Pita detêm um interesse marcadamente científico na área da História e Sociologia da Ciência, que os motiva à criação de espaços plurais de debate e confronto de ideias, apresentando uma profusa produção de investigações parcelares em torno de Egas Moniz, Júlio de Matos e Miguel Bombarda e António Maria de Sena, entre outros, organizando conferências e colóquios acerca deles, de modo a melhorar o conhecimento desse período da história da psiquiatria. Pautam-se pelo rigor documental e orientam dezenas de teses de Mestrado e de Doutoramento nesta área temática.

¹⁸ François Dosse lembra que “L’après-mort du biographe devient tout aussi signifiante que sa période de vie, par les traces qu’elle laisse et par leurs multiples fluctuations dans la conscience collective sous toutes ses formes d’expression” DOSSE, François – “Le retour de la biographie après une longue éclipse”. In COPPOLONI, d’Antoine; ROUSSEAU, Frédéric – *La biographie...*, p. 17.

António Valdemar produziu a maioria dos textos indexados na nossa amostra bibliográfica sob o estatuto de jornalista do Diário de Notícias. Mostrou-se particularmente interessado na questão de saber se Egas Moniz podia ser ou não considerado um conservador – “conservador na política, revolucionário na ciência”, concluiu num dos seus escritos – e não temos registo de outras peças por ele assinadas posteriormente.

António Macieira Coelho, familiar de Egas Moniz tem uma vasta produção acerca do tio-avô, quer sob a forma de testemunhos da intimidade (memórias de convívio), quer sobre as diversas fases e dimensões do seu trajecto.

Pedro Luzes salienta o pioneirismo de Egas Moniz na Psicanálise, chamando a atenção para o facto de ter sido ele, em Portugal, o primeiro a fazer a recepção universitária da doutrina do “sábio de Viena” e a fazer dela algumas das primeiras aplicações clínicas e literárias.

Manuel Correia interessa-se pelo papel dinâmico das controvérsias – expressas ou implícitas – na história da ciência e, no caso das problemáticas associadas a Egas Moniz, à história da Psicocirurgia e às lacunas mais importantes com que têm sido reproduzidas nos respectivos ensaios biográficos.

João Lobo Antunes, ao cabo de numerosos ensaios biográficos em que produziu reflexão pertinente sobre Egas Moniz e a sua *entourage*, onde pontificavam familiares seus: o pai, João Alfredo Lobo Antunes (1915-2004), foi membro da equipa que Egas Moniz dirigia no Hospital de Santa Marta; o tio-avô, o neurocirurgião Almeida Lima (1903-1983), foi um dos colaboradores mais próximos e importantes (se não o mais importante) do inventor da Angiografia Cerebral e da Leucotomia, tendo desempenhado um papel fundamental na execução e aperfeiçoamento de ambas.

Os interesses destes autores e as questões que suscitaram, pelo menos nestas duas últimas décadas, apresentam alguns pontos em comum: todos consideram a figura de Egas Moniz um exemplo ou um pretexto com extraordinária ancoragem histórica, política, cultural e científica. Seguindo os passos do sábio de Avanca, encontram pretextos múltiplos para estudar as instituições, as ideias e alguns aspectos específicos do exercício de múltiplos poderes, da clínica à ciência e do empresariado à política, passando por outras instâncias mais discretas ou secretas.

Os pontos de divergência decorriam, até não há muito tempo, de entendimentos diferentes acerca da ponderação de dimensões biográficas, de cultura política, científica e ética, e do alcance e particularidades de uma das invenções de Moniz: a leucotomia préfrontal concebida como aplicação da psicocirurgia.

Quanto à ponderação das dimensões biográficas, a glorificação do Nobel contribuiu para que o cientista eclipsasse o político, o empresário, o ensaísta, o duelista, e o psicanalista, papéis sociais cuja centralidade para a compreensão do processo (trajecto de vida) e dos contextos políticos (monarquia constitucional, república, estado novo) os torna indispensáveis. O próprio Egas Moniz se encarregou autobiograficamente de fazer escola a esse respeito, dando quase exclusiva saliência ao biografema do cientista nobelizado. Muitos dos textos recenseados, mesmo nas últimas duas décadas, continuam a laborar nesse afunilamento biográfico. Neste patamar, a discussão girava em torno de temas quase rarefeitos, como o de saber se Moniz ganhara o prémio pela leucotomia,

mas na prática, apesar de o Comité Nobel não o ter expressamente admitido, o tinha ganho graças à angiografia; ou se não teria merecido dois prémios em vez de um; ou, ainda, se não o tinha merecido e lhe deveria ser retirado. Na prática, até 2006¹⁹, esta discussão fazia-se sem apoio documental bastante, na base de informação indirecta ou de meras especulações e palpites, o que relativizava bastante a sua importância no cômputo geral.

No tocante à cultura política, o esforço autobiográfico de Moniz também foi de um empenho particular em diminuir e desvalorizar ao máximo a extensão da sua carreira, a contribuição relevante para a formação de organizações políticas e as altas responsabilidades que assumiu no período sidonista. Os seus biógrafos alternam entre constatações benévolas e relativizações acríticas, evitando leituras conjugadas do pensamento e da prática de Moniz quanto ao seu eugenismo radical, à condição de duelista e aos tacticismos políticos da época, em que se terá de incluir a convivência com soluções musculadas e ditatoriais, por um lado e, por outro, a simpatia com fórmulas corporativistas, ainda que parciais.

As questões de ordem ética são geralmente bloqueadas pelo purismo anti-anacronista. Com raras excepções, a tese prevalente é a de que Moniz, para atingir os objectivos que se propunha, não se podia deter nem impedir-se de prosseguir na via que estava a ser explorada por Fulton e Jacobsen²⁰. É uma tese justificadora da translação súbita, da aceleração da experiência em humanos, que merece um exame mais apurado, não apenas em face do que hoje se pode pensar acerca da experimentação em humanos, mas sobretudo fazendo justiça às vozes críticas que no próprio contexto histórico foram levantando objecções. Essas objecções situam-se no interior do círculo hermenêutico partilhado por Moniz, não devendo ser, por isso, catalogadas como anacrónicas.

Finalmente, a *psicocirurgia*, – de que a primeira aplicação foi a Leucotomia Préfrontal – foi vítima de uma inibição colectiva respaldada no receio de se poder confundir crítica com má-fé, inveja ou desforço; de poder deslustrar a notoriedade de um cientista famoso; de poder diminuir a estatura do herói nacional. De tal modo que a maioria das apreciações dubitativas ou negativas, apesar de disponíveis na forma documental, na sua maioria, foram sistematicamente evitadas até ao final do século XX. Mesmo depois de se ter estabelecido o novo consenso pós-clorpromazina, a questão continuou a revestir um melindre exagerado de tortuosa justificação.

¹⁹ Ver CORREIA, Manuel – *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. 1ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. 143 p. ISBN 972-8704-95-X.

²⁰ Estes dois autores são amiúde referidos como tendo desencadeado ou precipitado a decisão de Egas Moniz de dar início à experimentação psicocirúrgica em humanos. Joaquín Fuster, entre outros, relata que “It is more than passing historical significance that certain remarks by Jacobsen and his colleagues regarding the placidity of primates after prefrontal lesions (...) led Egas Moniz (...) to introduce prefrontal lobotomy as a form of treatment for certain emotional disorders in the human, however questionable his rationale for doing it may have been.” FUSTER, Joaquín M. – *The prefrontal cortex*. 4th Ed. London: Academic Press; Elsevier, 2008. 410 p. ISBN 978-0-12-373644-4. p. 130.

5. O purismo anti-anacronista

Os entendimentos que hoje temos da tentação anacrónica já nos vão permitindo, apesar de tudo, situarmo-nos em relação ao passado, medindo distâncias e proximidades civilizacionais (vivências, procedimentos, ideias e tabus).

Júlio Machado Vaz²¹, p. ex., chamava a atenção para o vazio sexológico que subsistia nos curricula de Medicina. Nesse aspecto, parece que continuamos próximos dos tabus que Egas Moniz verberou ao apresentar como tema da dissertação de doutoramento *A Vida Sexual – Fisiologia*. Neste aspecto, as diferenças entre o *status quo* universitário do início do século XX e o do presente, não são muito grandes. A linearidade cronológica tradicionalista não ajuda muito a compreender a multiplicidade diferenciada de proximidades e afastamentos que não se compaginam com a cronologia clássica. Neste aspecto, como noutros, o passado parece continuar por dentro do presente, mostrando como somos constringidos a conviver com anacronias.

Este exercício de medição da proximidade ou do afastamento das práticas de ontem e de hoje, mais ou menos contido ou controlado, é o que todos fazemos para nos podermos situar temporalmente, para nos podermos comparar com os antepassados e para ajuizar se estamos na mesma, pior ou melhor do que eles. Os termos deste tipo de raciocínio são evidentemente discutíveis. A inexorabilidade e compulsividade de o fazermos é todavia um ponto assente.

É claro que estas relativizações dos cânones cronológicos encontram algumas balizas mais sólidas na odisseia tecnológica. Ninguém dá crédito a uma história do século XVI que se apresente um avião a jacto a levantar voo; tal como careceria de verosimilhança um relato jornalístico da Noite Sangrenta em que o Dente d'Ouro falasse por telemóvel com os mandantes dos assassinos.

Aqui chegados, teríamos de dar razão ao purismo anti-anacronista. De facto, não havia aviões no século XVI nem telemóveis em 1921 e, portanto, quaisquer indicações nesse sentido só poderiam ser tomadas à conta de paródias adversas ao *métier* do historiador.

Porém, quando se trata de normas éticas (experimentação em humanos, uso de substâncias como o torotraste, translação acelerada dos chimpanzés para os humanos ou pareceres médico-legais encomendados, não estamos a falar da estereotaxia e da actual representação ortogonal do cérebro. Estamos a aludir a debates humanistas na *longue durée*, que precederam, de muito, a formulação que o Código de Nuremberga veio plasmar mais tarde.

Nestes casos, interessa reter também as discordâncias, prevenções e avisos que os actores históricos que conviveram com Egas Moniz, fizeram.

É claro que se vivia então sob o regime do paternalismo médico e seria muito difícil persuadir uma classe profissional em curso de afirmação a se autolimitar nos seus poderes. Por isso mesmo, as biografias são tão importantes. Registam as diferenças: aqueles que discordaram e explicaram porquê; aqueles que se opuseram mas não conseguiram as alianças necessárias para fazer triunfar os seus pontos de vista.

²¹ Ver VAZ, Júlio Machado – “Prefácio”. In *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*. 15ª ed. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1927. 598 p. Edição Facsimilada da Câmara Municipal de Estarreja, 2009. p. 11.

6. O déficit de simetria

Vejamos agora uma outra tendência que o purismo-antianacronista consegue, no entanto, compatibilizar com a rigidez da sua severidade.

Há uma série de autores representados na amostra bibliográfica que apresentámos nos capítulos precedentes, que pretendem atribuir ao legado de Egas Moniz mudanças tecnológicas posteriores, designadamente no domínio do que se continuou a chamar psicocirurgia.

Ora, neste ponto, parece que o purismo anti-anacronista falha o princípio de simetria, já que, em planos equivalentes, não devemos julgar os habitantes do passado com os valores de hoje, também não deveríamos imaginar-lhes o poder de influenciar desenvolvimentos posteriores, que estavam fora dos seus propósitos e que se traduzem em soluções que eles não poderiam sequer conceber. Como vimos, é no plano tecnológico que os atentados contra a cronologia se tornam mais contrastantes.

As Leucotomias Préfrontais planificadas por Moniz eram de execução imprecisa, mutilante e irreversível. As áreas alvo eram atingidas por aproximação, às cegas; tinham por objectivo lesionar feixes neuronais de ligação entre os lobos préfrontais e o tálamo; uma vez executada não havia maneira de repor as condições iniciais.

Quer tudo isto dizer que Egas Moniz e Almeida Lima, não dispoendo de meios para atingir resultados semelhantes aos de hoje, também não podem ser colocados, sem desvio anacrónico, na senda de procedimentos e tecnologias que obedecem a planificações opostas às deles. A neurocirurgia actual reclama precisão ortogonal e nanométrica, invasividade ínfima, e reversibilidade.

Então, porque razão atribuir-lhe desenvolvimentos técnicos e tecnológicos que nem embrionariamente constavam dos planos gerais e das concepções de Egas Moniz e de Almeida Lima?

A nosso ver, este tipo de atribuições cai na alçada de um anacronismo simétrico, em que, se virarmos ao contrário a seta do tempo, pomos os habitantes do passado a responsabilizarem-se ou a tutelarem obras posteriores que não poderiam sequer imaginar.

Mas esse anacronismo simétrico, deliberado ou não, serve os propósitos inerentes ao culto dos pais fundadores da neurologia e da neurocirurgia, mobilizando-os para o campo daqueles que, para alargar ainda mais o seu raio de influência sobre os assuntos do presente, requerem o reforço de uma aliança com o passado e convocam, para o efeito, uma causalidade simbólica.

Não andam muito longe do que Egas Moniz fez com Santiago Ramón y Cajal, ao biografá-lo sumariamente, colocando-se na linha de influência do novo paradigma neuronal, apesar de, nos momentos azados, nada ter publicado a seu respeito e de as suas crenças acerca da dinâmica cerebral não parecerem incompatíveis com o paradigma que Cajal veio superar.

7. Um partido numeroso mas tímido

No Outono de 1949 – pouco antes de Egas Moniz receber a notícia de que o Prémio Nobel desse ano lhe fora atribuído – o *Jornal do Médico* publicou um apontamento da autoria de Diogo Furtado, baseado na discussão de um relatório apresentado ao 4º Congresso Internacional de Neurologia, que tivera lugar em Paris, no mês anterior.

O enfoque da discussão cai sobre a Lobotomia no tratamento da dor. O relatório em questão levantava objecções a esta modalidade de tratamento, e Furtado revela que partilha esse ponto de vista, advertindo:

Cette question de la lobotomie a la particularité de ne pas pouvoir subir une critique impartiale: comme devant de tant de problèmes de nôtre époque, on est pour ou on est contre, on prend toujours une position passionnée.

Je dois vous avouer tout de suite que j'appartiens au parti nombreux mais timide, de ceux qui sont contre.²²

E explica detidamente as suas razões, sustentando que Egas Moniz inventou aquela neurocirurgia como “tentativa operatória para o tratamento de psicoses consideradas incuráveis” e que a ampliação do campo de aplicação (neste caso, ao tratamento da dor) se deve a extrapolações abusivas e exageros de vária ordem.

Furtado não é propriamente alguém que fale de cor acerca da leucotomia. Participou com Moniz e Lima na primeira série de “tentativas operatórias”, reconheceu (tal como o próprio Egas Moniz, na primeira fase) a extrema fragilidade das bases teóricas em que se apoiavam²³ e mesmo, tendo Moniz deixado de exprimir essas preocupações até cerca de 1944²⁴, Furtado guardou, quer quanto à teoria quer quanto aos resultados, uma opinião autónoma, crítica e fundamentada. Em 1948, integrou a equipa organizadora do 1º Congresso Internacional de Psicocirurgia, realizado em Lisboa, participando activamente e intervindo designadamente no painel *Personality changes after lobotomy*.²⁵

Em Julho de 1937, Diogo Furtado ouviu da boca de Sobral-Cid, em Paris, palavras duras acerca da leucotomia prefrontal. O bom amigo de Moniz achou que, independentemente da amizade que o ligava ao inventor da nova neurocirurgia, devia exprimir o seu pensamento acerca da matéria. E fê-lo de modo a não restarem quaisquer dúvidas²⁶. Algumas das suas observações hão-de ter ecoado no pensamento de Furtado ao longo dos anos, pois ainda que se desse o caso de não subscrever por inteiro o conjunto de considerações que Sobral-Cid então avançou, a verdade é que se tornou mais sensível a algumas delas.

²² FURTADO, Diogo – “Réflexions sur la lobotomie”. *Jornal do Médico*. N.º 351, Vol. XIV (1949) p. 398.

²³ Ver artigo em co-autoria com Egas Moniz: MONIZ, Egas; FURTADO, Diogo – *Essais de traitement de la schizophrénie par la leucotomie préfrontale*. Extrait des Annales Médico-Psychologiques (Nº 2. Juillet 1937). Paris: Masson, 1937.

²⁴ Ver, p. ex. o que diz a este respeito na sua Última Lição: “Se me sobrar vida e disposição, ocupar-me-ei ainda com desenvolvimento do aspecto teórico da questão, pois se a operação foi acolhida, por muitos, com interesse, as suas bases não mereceram, entre os próprios psiquiatras organicistas, unanimidade de vistas.” MONIZ, Egas – *Última lição*. Lisboa: Portugalia, 1944. p. 25.

²⁵ AAVV – *Psychosurgery. 1st International Conference*. Lisboa: Bertrand (Irmãos, Lda), 1949.

²⁶ Sobral Cid, em reunião da Sociedade Médico Psicológica de Paris, (sessão de 26 de Julho de 1937) após ter ouvido a exposição de Diogo Furtado, da equipa de Egas Moniz, acerca das vantagens e promessas da leucotomia pré-frontal, manifestou-se meridianamente em desacordo, apresentando uma curta comunicação intitulada “La leucotomie pré-frontale” SOBRAL-CID, José de Matos – *Obras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Vol. I, p. 265-269.

Furtado conviveu ainda, no Hospital Júlio de Matos com colegas, enfermeiros e psicólogos que não tinham dos resultados da leucotomia uma opinião abonatória. Cruzou-se numerosas vezes na Casa de Saúde do Telhal com o seu director clínico, Luis Ceboia que não via na leucotomia resultados esperançosos.

Afinal, se comparássemos as reservas que Sobral-Cid, Diogo Furtado, Barahona Fernandes, Luís Ceboia e *tutti quanti* foram levantando, com as que outros colegas estrangeiros exprimiram, ver-se-ia que não andavam muito longe uns dos outros nas observações que faziam e na insistência (demasiado tímida, por vezes) com que contrariavam a onda de entusiasmo esfusante que parecia empurrar para a experimentação generalizante, e que estava em vias de alargar o seu campo de aplicação alegadamente terapêutico (dor, delinquência, etc.).

Egas Moniz, por volta de 1954, escreveu num dos seus diários íntimos:

Um meu colega, o médico Ceboia, também escreveu algures, não só várias asneiras a propósito da leucotomia, mas ainda sobre a distinção que me foi concedida afirmou que eu não tivera o prémio Nobel, mas sim meio prémio. Como se não contasse ou fosse coisa diferente. Ora o prémio, só ou associado, e a distinção; não conta o dinheiro que ainda assim, reduzido a metade, representa soma avultada, para os não ambiciosos de riquezas.²⁷

Moniz encarava com acrimónia as críticas à sua segunda invenção que, afinal, lhe trouxera o Prémio Nobel. Não sabemos até que ponto a sua perspicácia e lucidez, em contraponto com o orgulho na paternidade da invenção, lhe permitiam aperceber-se do fundamento de algumas críticas e reservas quanto à interpretação fantasista dos resultados da leucotomia. Sabemos, apenas, que a magnitude simbólica do prémio transfigurou o debate, fazendo-o passar de mera conversa de boca a orelha, para um obscuro processo de intenções, em que a crítica passou a ser apelidada de má-língua, e os críticos passaram a invejosos ou ignorantes.

No país do espaço público exíguo e anémico, da reverência paralisante e enfatuada, cujos espaços culturais falharam os grandes debates do século XX, a crítica da psicocirurgia foi submersa pelo culto do herói nobelizado.

Ao sabor da leitura dos documentos da época, podemos constatar a vivacidade dos traços, por vezes inscrições autênticas, desse tal partido (tão) numeroso mas, ao mesmo tempo, (tão) tímido.

8. Conclusão: Egas Moniz em livre exame

A mais recente biografia de Egas Moniz, da autoria de João Lobo Antunes, ao comprovar o interesse político, cultural e científico que o actor histórico continua a despertar um elevado interesse, quer nos que o apreciam pela sua personalidade multifacetada e algo desconcertante, quer nos que divisam no seu trajecto os nós de uma rede de relações com rara densidade histórica.

²⁷ MONIZ, Egas – *Apontamento a propósito do prémio Nobel*. Manuscrito fotocopiado, datado de 10/06/1954, arquivo de João Seabra Diniz (cedido por Lina Seabra Diniz e Armado Myre Soares), p. 12-13.

Vem confirmar também, tendo designadamente em vista a bibliografia das últimas duas décadas – especialmente balizada pela obra *Egas Moniz em livre exame* – que os grupos, pessoas e instituições cujas identidades se reforçam com a inclusão de Egas Moniz nos seus círculos de pertença, continuam a garantir, se não estudos aprofundados, pelo menos o *quantum satis* que permite manter à tona dos dias a memória de que existiu, fez coisas interessantes e deu muito que falar.

Por outro lado, enquanto referência incontornável da história da psiquiatria biológica, vencedor do Prémio Nobel, vai ser difícil, a quem quer que pretenda estudar essas matérias e esse período, evitá-lo ou tornear os dispositivos que montou com a cooperação leal ou reverencial dos seus contemporâneos, para ser recordado *in saecula saeculorum*.

A ambição e o optimismo com que interpelou a História²⁸ parecem garantir-lhe longa sobrevivência. A sua interpelação, orientada não para a História, mas para aquelas e aqueles que a estudam e escrevem, faz com que o “arquivo” e a “crítica” que nos endossou continue *em livre exame*.

Bibliografia

- AAVV – *Psychosurgery. 1st International Conference*. Lisboa: Bertrand (Irmãos, Lda), 1949.
- ANTUNES, João Lobo – *Egas Moniz, uma biografia*. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 2010. 375 p. ISBN 978-989-616-398-3.
- BELOT, Robert – “La biographie entre mémoire et histoire, affect et concept”. In CAPPOLANI, d’Antoine; ROUSSEAU, Frédéric – *La biographie en Histoire. Jeux et enjeux d’écriture*. Paris: Michel Houdiard Editeur, 2007. ISBN 2-912673-79-8.
- BENJAMIM, César (Ed.) – *Dicionário de Biografias Científicas*. 2007. 3 Vol, 2696 p. ISBN: 978-85-85910-92-1.
- CORREIA, Manuel – *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. 1ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. 143 p. ISBN 972-8704-95-X.
- DOSSE, François – “Le retour de la biographie après une longue eclipse”. In CAPPOLANI, d’Antoine; ROUSSEAU, Frédéric – *La biographie en Histoire. Jeux et enjeux d’écriture*. Paris: Michel Houdiard Editeur, 2007. ISBN 2-912673-79-8.
- EL-HAI, Jack – *The Lobotomist. A maverick mental genius and his tragic quest to rid the world of mental illness*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2005. X p. ISBN 978-0-470-09830-1.
- ELIAS, Norbert – *Mozart. Sociologia de um génio*. 1ª ed. Lisboa: Edições ASA, 1993. 173 p. ISBN 972-41-1268-3.
- FURTADO, Diogo – “Réflexions sur la lobotomie”. *Jornal do Médico*. Nº 351, Vol. XIV (1949).
- FUSTER, Joaquín M. – *The prefrontal cortex*. 4th Ed. London: Academic Press; Elsevier, 2008. 410 p. ISBN 978-0-12-373644-4.
- KRAGH, Helge – *An introduction to the historiography of science*. 4th ed. New York: Cambridge University Press, 1994. 237 p. ISBN 0-521-38921-6.
- MILLS, C.Wright – *The sociological imagination*. New York: Oxford University Press, 1999. 248 p. ISBN 978 0-19-513373-8.

²⁸ “Os homens passam, as conquistas científicas permanecem ou transformam-se. A história, que as arquiva, fará a sua crítica.” MONIZ, Egas – A última lição... p. 37.

- MISSA, Jean-Noël – *Naissance de la psychiatrie biologique*. 1ère éd. Paris: PUF, 2006. 381 p. ISBN 2.13.05514.9.
- MONIZ, Egas; FURTADO, Diogo – *Essais de traitement de la schizophrénie par la leucotomie préfrontale*. Extrait des Annales Médico-Psychologiques. N° 2. (Juillet 1937). Paris: Masson, 1937.
- MONIZ, Egas – *Última lição*. Lisboa: Portugália, 1944.
- MONIZ, Egas – *Apontamento a propósito do prémio Nobel*. Manuscrito fotocopiado, datado de 10/06/1954, arquivo de João Seabra Diniz (cedido por Lina Seabra Diniz e Armado Myre Dores).
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva. 2000. 414 p. ISBN 972-8318-96-0.
- PITA, João Rui – “Egas Moniz nos selos portugueses: o homem, o universitário e o cientista”. *Cabúla Filatélica*. 14 (1998).
- PRESSMAN, Jack D. – *Last resort. Psychosurgery and the Limits of Medicine*. New York: Cambridge University Press, 1998. 555 p. ISBN 0-521- 52459-8.
- SIMÕES, Ana; DIOGO, Maria Paula; CARNEIRO, Ana – *Cidadão do Mundo. Uma biografia do Abade Correia da Serra*. Porto: Porto Editora, 2006. 185 p. ISBN 972-0-45087-8.
- SOBRAL-CID, José de Matos – *Obras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Vol. I.
- VAZ, Júlio Machado – “Prefácio”. In *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*. 15ª ed. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1927. 598 p. Edição Facsimilada da Câmara Municipal de Estarreja, 2009.